

O SER RELIGIOSO E A RELAÇÃO COM A DIMENSÃO EXISTENCIAL

THE RELIGIOUS HUMAN BEING AND THE RELATIONSHIP WITH THE EXISTENTIAL DIMENSION

Maria Glória Dittrich

Universidade do Vale do Itajaí – SC

Marcos Vinicius da Costa Meireles

Universidade Federal de Juiz de Fora - MG

Resumo. Esta pesquisa de ordem teórica fala sobre a atitude religiosa e a relação com a dimensão existencial. Dentro de uma hermenêutica fenomenológica se busca compreender a relação presente entre o ser humano religioso e a sua existência. Na Logoterapia de Frankl, o ser humano é visto como um ser tridimensional composto pelas dimensões: somática, psíquica e espiritual. Essa realidade constitutiva do ser humano é concebida em duas esferas diferentes, mas que formam uma unidade concêntrica onto-antropológica. Na esfera da facticidade está o somático e o psíquico, este último é concebido como órgão de sentido, tendo uma parte de si imersa no inconsciente que tem a força intuitiva e transcendente. Estas duas forças são realidades da consciência que estão intimamente ligadas na esfera existencial, a qual remete também para o inconsciente espiritual como manifestação da pessoa profunda espiritual, que se manifesta na percepção da pessoa espiritual como necessidade de busca de sentido para viver. Nesta busca surge o homo religiosus, que diante dos desafios da existência no sofrimento, no amor e na criatividade descobre um motivo que traz sentido para o viver. Essa experiência possui um caráter “religante” do ser na sua profundidade espiritual. É o fenômeno do religere como necessidade de encontro consciência da pessoa espiritual com a sua profundidade última - manifestação profunda do divino como presença ignorada de algo que conclama descoberta de sentido de vida. O ser humano vive a religiosidade, quer professando uma doutrina ou não. Para o homo religiosus é a presença revelada de Deus na existência concreta desde uma pessoa que se reconhece e age na sua profundidade espiritual.

Palavras-chave: Homo religiosus; Existência; Sentido de vida..

Abstract. This research of a theoretic order, talks about the religious posture and the relationship with the existential dimension. Within a hermeneutic phenomenology searches understand the present relationship with the human being and their existence. Within a Frankl's Logotherapy, the human being is seen as a human being composed of three-dimensions: somatic, psychic and spiritual. This constitutive reality from the human being is designed in two different spheres, but they form a concentric unity onto-anthropologic. In the facticity sphere, it's founded the somatic and psychic, this last is designed like a sense organ having a

part of si immersed in the unconscious, that have an intuitive and transcendental force. This two forces are conscience realities that are closely linked in the existential sphere, which also refers to the spiritual unconscious as a manifestation of deep spiritual person, that is manifested in the perception of the person as a spiritual need to search for a meaning to live. In this search arises the homo religiosus, that before of the existence challenges in the suffering, in the love and in the creativeness discovers one reason that bring a meaning to live. This experience haves a reconnect character of the human being in his deep spiritual. It's the religere's phenomenon like a need to a conscience's encounter of the spiritual person with your last deep – deep manifestation of the divine like a ignored presence of something that comclains one meaning's life search. The human being lives a religiosity, professing a doctrine or not. To the homo religiosus it's the reveled God's presence in the concrect existence since one person that recognizes and acts in his spiritual deep.

Keywords: Homo religiosus; Existence; Life's meaning

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, que trata sobre o ser religioso e sua relação com a dimensão existencial, utiliza a logoterapia como abordagem teórica para a reflexão hermenêutica, buscando respostas para entender a existência desde as dimensões do ser humano. Tal exposição caracterizada pelo empenho filosófico de Viktor Frankl, no qual se percebe o esforço de compilar e transmitir uma visão mais digna do ser humano, em contraponto a uma psicologia sem alma.

A consideração de um ser religioso, na perspectiva frankliana, nasce de uma compreensão antropológica, na qual o ser humano não é visto apenas em sua facticidade psicofísica ou como uma mônada, mas como existencial, cuja essência é a autotranscendência. Assim, por essa perspectiva inovadora na psicologia do século XX, o ser humano passa a ser concebido como pessoa que transcende o nível psicofísico e imanentista e alça voo para a dimensão espiritual e transcendente, onde

encontra a sua dimensão existencial mais profunda e autêntica, o seu próprio ser que se caracteriza como pessoa profunda espiritual, tocada por Deus.

Ao considerar a integralidade constitutiva do ser humano, considerando-o como bio-psico-espiritual, uma característica genuinamente humana não poderia se furtar: a religiosidade, pois sempre o ser humano acredita em um sentido quando respira (Frankl, 1997). Deste modo, além de garantir uma retomada da dimensão genuinamente humana no pensamento antropológico-filosófico, Frankl rompe com o antagonismo existente entre ciência e religião, podendo, a partir daí, se dizer sobre uma filosofia e uma psicologia da religião. Sobre isto, assevera Aquino falando sobre o pensamento de frankliano:

Sua concepção acerca da religião abrange tanto o agnosticismo como o ateísmo, sendo compreendida como uma 'vontade de sentido último'. Para tanto, Frankl analisa o fenômeno

religioso em sua totalidade (sujeito, imagem e Deus) sem cair no reducionismo ou no ‘generalismo’. Assim, considera-se que o autor em foco propõe tópicos para uma compreensão da religião calcada em uma análise existencial que inclui também uma investigação dos sonhos religiosos. Abrange, assim, conceitos pouco explorados no campo da psicologia da religião atual, como o fenômeno da repressão religiosa e do inconsciente transcendente (Aquino, 2014, p. 88).

Nesta perspectiva, ao inquirir a respeito da problemática do ser humano religioso e sua relação com a dimensão existencial, é preciso deixar claro que se tratará principalmente de uma reflexão sobre a questão do sentido da vida e sua relação com a existência do ser humano na sua estruturação dimensional – corpo-mente e espírito. Tal estrutura caracteriza e dá consistência onto-antropológica para as vivências espirituais.

AS DIMENSÕES ANTROPOLÓGICAS DO SER HUMANO

Para falar do ser religioso é preciso ter como ponto de partida a compreensão das estruturas do existir humano. Frankl faz um grande esforço para combater os sistemas

fechados, os quais herdou da tradição psicológica, que reduziam o ser humano a mero psicofísico, cuja existência humana é compreendida em um unilateralismo reducionista, tirando sua característica mais pessoal, a existencialidade. Seu mérito na psicologia se caracteriza por identificar, preservar e dar uma concepção integral, que resgata, na ciência, a dignidade do ser humano em sua profundidade espiritual. O ser humano na onto-psico-antropologia frankliana aparece como uma realidade tridimensional constituído pelo somático, pelo psíquico, mas cuja essência é o noético (o espiritual).

A resposta à tentativa de resguardar a pessoa humana em sua integralidade é a elaboração de uma *imago hominis*¹, como ele próprio a definiu, com o objetivo de suplantar a noção antropológica vigente. Nesta tentativa, ele afirma a pluralidade do ser humano e desenvolve uma concepção de ser humano como *unitas multiplex*². Afirma ele: “Eu gostaria de definir agora o homem como unidade apesar da pluralidade: porque há uma unidade antropológica apesar das diferenças ontológicas. [...] em suma, a existência humana é ‘unitas multiplex’ (Frankl, 1986, p.42).

A imagem de ser humano postulada por Frankl é pluralista nas diferenciações ontológicas, entretanto, há uma unidade antropológica. O ser humano é visto dentro de

¹ *Imagem de ser humano*. É a proposta antropológica frankliana de conceber o ser humano em suas diferenciações ontológicas: o somático, o psíquico e o noético. Consiste na tentativa de superar o reducionismo e dar totalidade as dimensões do ser existencial.

² *Unidade múltipla*. É a compreensão antropológica de Frankl; para ele, o ser humano é composto de múltiplas dimensões ontológicas: o somático, o psíquico e o noético, todavia, estas múltiplas dimensões são antropológicamente unidas pelo noético que é o núcleo da pessoa.

uma estrutura dimensional concêntrica; quando o somático e o psíquico são reagrupados em torno de um núcleo, o espiritual, estas dimensões estão articuladas, mas no sentido da ontologia-existencial se subdividem em esfera da existência e esfera da facticidade. Na facticidade, o ser humano é permeado pelas dimensões, somática e psíquica. Na esfera da existência é permeado pelo noético, o espiritual.

A ESFERA DA FACTICIDADE

A esfera da facticidade comporta o somático e o psíquico interligados, embora, diferenciados por suas características e funções. O problema do corpo (somático) se apresenta por primeiro nesta busca por identificar o *homo religiosus*. Pois, o ser humano está presente no mundo pela condição somática, e é este fato que o faz possuidor de uma sensibilidade perceptiva, que se apreende como existencialidade.

Essa apreensão registra um mundo integrante, onde o ser humano experimenta, por diversas modalidades da percepção sensível, sua condição somática como dimensão estruturante para as vivências, oportunizando sua inclusão como ser no mundo, do mundo e para o mundo, mas que quer lançar-se além do mundo. Por quê?

Com efeito, só se pode falar de algo existencial, a partir do dado: ser-no-mundo. Este fenômeno desafia o ser humano a colocar-se como um projeto que visa descobrir e realizar o seu sentido de viver. Este, muitas vezes, aparece velado nas situações, pois o mundo dado, na visão de Frankl, é um mundo como tarefa (*Aufgegeben*) para descobrir a razão do por que

viver.

O ser humano por sua presença corporal nasce em uma situação originária de possibilidade de realização. Está inserido na história, na política, no social, no cultural, no religioso e no ecológico, por exemplo, que implicam a existência dentro de um espaço-tempo por vezes único. Nesse complexo mundo da existência, as circunstâncias se fazem presentes para configurar a existência de cada ser humano. O ser humano, por sua condição corporal, pode ocupar um simples estar-aí ou pode enfim se dizer de um *ser-aí* (Lima Vaz, 1991. v.1. p. 159). O primeiro ocuparia uma presença no âmbito natural, é uma presença passiva, onde o ser não se situa na história e, nem busca por um sentido de seu viver, vive apenas guiado pelas leis da natureza e as de seu próprio corpo. É um ser guiado e condicionado.

Porém, a presença no mundo como *ser-aí*, que no pensamento frankliano caracteriza-se como pessoa profunda espiritual, na qual o ser se faz presença de fato, com uma autenticidade que lhe é própria. Ele está no mundo fundamentalmente ativo, por isso é um ser-no-mundo, que se situa em um espaço-tempo e busca por um sentido em seu viver interrelacional. De tal modo, vivendo a subjetividade que a dimensão somática, integrada às demais, lhe oferecem, permitindo com que deixe o puramente somático (corpo submetido à hereditariedade, instintos e condicionamentos que a existência deste modo implica) e busque por sua vivência transcendente.

Na facticidade a outra realidade da

dimensão psicofísica é a consciência. Esta aparece como *órgão de sentido* em uma realidade refletida, mas apresenta-se, também, na dimensão existencial, como consciência existencial, moral ou noológica, sendo uma realidade irracional, inconsciente, intuitiva e transcendente. Não se tratam de vários tipos de consciência, mas de uma única consciência, com dupla realidade, pois no âmbito psicológico frankliano, a consciência exerce papel não mais como censuradora, ela tem um papel fenomenológico de ir além da censura, para dar sentido e valores às coisas, estabelecer uma relação com o transcendental e instigar o ser à responsabilidade.

Como *órgão de sentido*, a consciência tem a tarefa de formular ao indivíduo a possibilidade de realizar concretamente, em cada situação e valores (Peter, 2005, p. 66).

Sentido só precisa, mas também pode ser encontrado, e na busca pelo mesmo é a consciência que orienta a pessoa. Em síntese a consciência é um órgão de sentido. Ela poderia ser definida como a capacidade de procurar e descobrir o sentido único e exclusivo oculto em cada situação. (Frankl, 1997, p. 68).

É tarefa de cada pessoa, mediante a liberdade que lhe é própria, realizar os sentidos e valores da sua existência. Buscar o que lhe apraz com responsabilidade e autenticidade. Ninguém pode fornecer esse dado. Somente pode desvelar e realizar os valores e sentidos escondidos em cada situação, que se apresentam nas vivências como um dado a ser percebido e significado. O sentido é peculiar de cada

situação, e não é mera fabricação da imaginação ou dos desejos humanos, puramente. O sentido pode ser desvelado em todas as situações que aparecem, a todo tempo, sejam eles bons ou ruins, na dor e na alegria. Sendo que “apenas a consciência nos permite encontrar o sentido para cada situação específica” (Fabry, 1984, p. 92).

A voz da consciência coloca o ser humano diante da realidade. Ele é livre para aceitar o que ouvir ou ignorar. Escuta-se e se ouvi esses apelos na medida das possibilidades criadas desde as dimensões do ser humano na relação com o meio circundante. Para a logoterapia a consciência fornece ao ser humano essa característica essencial: ser livre. Na busca pela realização da autenticidade é ela que o adverte para a descoberta dos sentidos autênticos. Esta característica é essencial para o ser humano descobrir o sentido de construir sua existência neste mundo, em um fulcro sólido de afirmação da identidade como pessoa de profundidade espiritual.

Com isso é valorizado o âmbito comunitário da vivência, sendo necessário o respeito com o modo de ser do outro e com sua busca pelo sentido de vida, afinal, cada um tem sua consciência que o orienta à liberdade e à responsabilidade das escolhas, escolhas essas feitas de modo próprio e singular, não deixando margem para desvelar um tipo de sentido ideal.

Já a consciência existencial está imersa no inconsciente, embora não seja o núcleo profundo do ser humano, mas que estende suas raízes até este núcleo profundo e espiritual. A consciência recebe manifestação da dimensão

mais profunda e autêntica do ser humano: a espiritual, tornando consciente e autêntica a atitude revelada no mundo. “O inconsciente espiritual, é segundo Frankl, a ação viva do fundamento absoluto da *pessoa profunda espiritual* que é a manifestação do Espírito de amor criante de Deus” (Dittrich, 2010, p. 177).

Nesta realidade da consciência como existencial, ela tem como característica ser irracional, porque pelo menos em sua realidade de execução imediata, nunca é completamente racionalizável: torna-se acessível apenas posteriormente a uma racionalização secundária. Da mesma forma, todo o assim chamado exame de consciência só é concebível a posteriori; além disso, a deliberação da consciência é em última análise inescrutável (Frankl, 1997.p. 69).

A consideração da consciência que “[...] se manifesta como uma voz interior só é possível mediante uma consideração de profundidade espiritual do ‘Eu - espiritual’, “que remete para um lugar, para alguém ou para algo que se apresenta como pura criatividade [...]”. (Dittrich, 2010, p. 167). A característica essencial da consciência é ser intuitiva. É trazer pela antecipação espiritual, o ser humano que não é, mas que deveria ser, pois não se poderia realizar essas possibilidades se elas não fossem apresentadas espiritualmente, na e pela consciência do ser humano.

Do que ficou dito sobre o *órgão de sentido*, percebe-se que é a consciência moral (*Gewissen*) ou existencial, que capacita mediante a intuição, à realização do único necessário presente nas situações. É vivendo uma vida com consciência que corresponderá a um estilo de

vida profundamente pessoal. Para buscar de forma empírica essa manifestação do inconsciente espiritual, Frankl recorre à análise dos sonhos, mostrando não uma profundidade instintiva somente, mas especialmente uma profundidade espiritual.

O existir humano tem a possibilidade originária da inautenticidade. Permanece neste modo, caso não seja despertado o seu existir próprio, clamado pela consciência existencial como manifestação da pessoa espiritual. Com efeito, se desprezar ou reprimir a voz do inconsciente, que clama por uma vida autêntica, baseada na pessoa profunda-espiritual, portanto, singular, ela, a consciência, se manifesta por meio dos sonhos, na tentativa de despertar o ser autêntico ainda velado. Pois, como diz Frankl: “O sonho expressa, assim, a voz de advertência da própria consciência” (Frankl, 1997, p. 28).

A consciência intuitiva diz e apresenta possibilidades de realização. O sonho manifesta à consciência que adverte o ser humano nas suas vivências no mundo. Essas advertências pessoais são mensagens que provêm do inconsciente espiritual, com temáticas de cunho moral, estético ou religioso (Peter, 2005, p. 60).

Na análise existencial o ser humano se depara, por meio dos sonhos, com uma realidade que lhe é apresentada e que não pode ser ignorada: “ser homem necessariamente implica uma ultrapassagem. Transcender a si própria [sic] é a essência mesma do existir humano” (Frankl, 1991, p. 11). Esta mensagem, de caráter moral, remete a algo que transcende a existência. O ser humano não é medida para leis e, nem imperativo categórico. Essas

“advertências” só podem ser consideradas na análise existencial, levadas até as últimas consequências, a algo significativo, que é a transcendência da consciência, que culminará em uma religiosidade inconsciente, ainda que a presença de Deus seja ignorada.

A transcendência da consciência se não for reconhecida como um fator essencial, se estará considerando apenas o aspecto facticioso. O verdadeiro aspecto da consciência remete algo diverso do eu, mas que unifica a condição pessoal. Se assim o ser humano não for concebido, tudo que ficou dito a respeito da consciência, como o fato intuitivo, irracional e personalizante serão negados, tirando do ser humano seu aspecto pessoal existencial – o de ser livre.

A ESFERA DA EXISTÊNCIA

Em Frankl, há uma ampliação do pensamento do inconsciente em relação, por exemplo, a Freud. No inconsciente concebido por Frankl há elementos do instinto, mas a primazia é do espiritual. E por haver essa radical diferenciação o inconsciente passa a ser, mediante a descoberta do espiritual, um inconsciente espiritual.

No inconsciente espiritual registra-se o nascedouro sujeito individual e singular, pois o ser humano, não é apenas ser que decide, mas também um ser separado, ou seja, um ser individual que se centra em seu meio, em seu próprio centro, para se definir como pessoa verdadeira e passível de decisões. É justamente neste núcleo que se encontra a verdadeira pessoa, a pessoa espiritual e por isso inconsciente. Sendo

esse núcleo inconsciente, a pessoa profunda-espiritual, será sempre irrefletida.

O ser humano pode, assim, ser “verdadeiramente ele próprio” também nos aspectos inconscientes. Por outro lado, ele é “verdadeiramente ele próprio” somente quando não é impulsionado, mas responsável de si no e para o mundo. O homem propriamente dito se manifesta onde não houver um id a impulsioná-lo, mas onde houver um eu que decide (Frankl, 1997, p. 19). A verdadeira e autêntica pessoa é a pessoa profunda-espiritual, que por sua vez é inconsciente. Temos nossa consciência existencial enraizada neste núcleo, o que nos possibilita assumir uma vida autêntica.

Como já ficou dito, a pessoa espiritual é aquela que não é guiada, mas responsabilmente livre. Saliendo que a autenticidade se encontra no espiritual, percebe-se que as coisas criativas brotam desse núcleo, e que as coisas determinadas são objeto do instinto. Realçando a liberdade e a responsabilidade, está-se realçando a verdadeira pessoa-profunda espiritual.

Na existência espiritual, o próprio eu autêntico, o eu em si mesmo, é irreflexivo e somente executável, não sendo analisável. Como poderia saber se perante as grandes decisões, o ser humano responde corretamente, pois não é analisável totalmente? Todavia o fenômeno de ouvir a voz interior, que é a consciência em movimento, é o ouvir do profundo, do autêntico, do responsabilmente livre, que emerge na percepção do ser como uma força intuitiva e quer comunicar algo, ainda que seja *a priori* ignorado. Com efeito, é preciso afirmar

que o inconsciente espiritual é o profundo do ser humano, é inconsciente não só na sua profundidade, mas também na sua altura, para aludir à presença de Deus como algo ignorado, porém, sentido.

A consciência existencial é o que distingue e decide no ser humano, pode-se perceber que não é objeto do psicofísico. O ego verdadeiro aparece somente na dimensão espiritual, quando é livre e responsável. Com efeito, é com estes atributos: a liberdade e a responsabilidade, que a pessoa consegue atingir uma profundidade inconsciente, despertando dos condicionamentos inautênticos, a pessoa autêntica velada.

A VIVÊNCIA ESPIRITUAL

A vivência espiritual está pautada, no pensamento frankliano, nos atributos existenciais de liberdade e responsabilidade. Compreende-se que toda liberdade tem um “de quê” e, um “para quê”. Isso orienta o ser humano ao que Frankl denominou de liberdade da vontade, pois para ele, ser livre é antes ser responsável. Deve-se considerá-lo como uma realidade finita, pois com responsabilidade o que acontece no ser humano, de uma forma ou outra, é fruto de uma decisão interna, de uma aceitação ou rejeição da mensagem que emerge desde a dimensão mais profunda – a espiritual e que vai atravessando na consciência pessoal e suas relações no mundo.

Ser livre “de” e, ser livre “para” ressaltam os atributos existenciais. Tem-se a liberdade “de”, com avidez, buscar a libertação de condicionamentos psicofísicos; imposições

contra a vida e contra o sentido, impulso libidinal, predisposição biológica. “Por todas as partes, o homem está colocado diante de seu próprio destino, deve decidir se fará dele mera condição de vida ou uma conquista interior” (Peter, 2005, p. 74).

Mesmo no ambiente imposto e, a vontade do ser humano sendo finita, é dada a ele a possibilidade interior de tomar atitude, mesmo estando em seu limite vital, pois leva-se em conta seu caráter e sua autenticidade. Mas essa liberdade “de” só é completa se também for liberdade “para”. Tal “para”, de sua liberdade, é para ser livre de ser impulsionado, guiado, para que possa responder responsavelmente às questões que a vida o coloca.

Quando o homem decide sua atitude diante das dificuldades que vive e experimenta; quando, diante do próprio destino insuperável, decide se orientar para o melhor aspecto de si mesmo, se revela este aspecto da liberdade da vontade: livres das pulsões instintivas para decidir de si mesmo. É assim que o homem se torna sujeito e não objeto de seus condicionamentos (Peter, 2005, p. 79).

De tudo o que até aqui ficou dito, pode ser resumido em uma frase imperativa: sê senhor da tua vontade e servo da tua consciência (Frankl, 1997, p. 40).

Sê senhor da tua vontade, representa o “de quê”, coloca o ser humano no gerenciamento da vontade. Essa exigência ética mostra que para ser “senhor da vontade”, é necessário ser livre e plenamente responsável de

si no mundo. Contudo, só se pode ser senhor das vontades próprias quando se é “servo da consciência”, ou seja, a consciência não se trai. Ela é fiel a si mesma na tomada de decisão articulada à sua profundidade espiritual.

Vivenciar o “para quê” é ser servo da consciência. É aqui que a perspectiva do discurso ético se transforma em religioso. A consciência deve ser compreendida em nível transcendente, pois ser servo da própria consciência implica o exercício de transcender a condição humana, no sentido de abrir-se para além de si sem se perder em si mesmo e questionar perante quem se é responsável.

Na verdade, a consciência é a própria voz, a voz de uma instância profunda superior que está além do ser humano e no ser humano. Defende Frankl que “esta voz, somente é ouvida pelo homem, ela não provém dele; ao contrário, somente o caráter transcendente da consciência faz com que possamos compreender o homem, e especialmente sua personalidade, num sentido mais profundo” (Frankl, 1997, p. 41).

Há aqui a problemática sobre a origem da consciência e sua possibilidade transcendente, pois deve haver a consideração de uma instância extra-humana. Não se pode concluir qual seja essa instância; alguns denominam: vida, natureza, ecossistema, assim por diante, de acordo com suas crenças pessoais. Segundo Frankl (1997), a fé em um supra sentido só se torna um fator existencial, quando acontece de forma espontânea. Faz parte da vivência hodierna, ainda que inconscientemente, responder a cada instante o

“para quê” somos livres, assim como também o “perante quem” somos responsáveis. Esta espontaneidade da fé é, segundo Aquino, “quando o ser humano escolhe livremente perante “quem” ele se considera responsável” (Aquino, 2014, p. 59).

Nestes termos, a diferença entre o religioso e o “irreligioso” será apenas em termos operacionais, pois

pelo fato de desconsiderar a transcendência da consciência, o irreligioso não deixa de ter consciência, bem como, responsabilidade; ele apenas não inquire sobre o perante quem é responsável e de onde provém sua consciência. É neste sentido que Frankl diz que o ser humano irreligioso se deteve antes do tempo em seu caminho, pois não se perguntou para além de sua consciência, assumindo-a em sua facticidade psicológica (Maireles, 2015, p. 87).

O ser humano é incapaz de compreender a realidade sobre-humana e as finalidades que regem, “mas este conceito de homem oferece uma explicação racional da relação existente entre o humano e o Divino. Mas o homem necessita de algo mais do que um argumento intelectual: necessita de uma experiência real da transcendência” (Fabry, 1984, p. 185). É desta forma que se abre para viver a religiosidade. O homo religiosus, busca uma experiência real com o transcendente e esta nasce desde as profundezas de sua pessoa espiritual.

O SER RELIGIOSO COMO FIAT DO SENTIDO ÚLTIMO

Neste percurso, pode-se perceber que Frankl descobre um inconsciente espiritual por detrás de um inconsciente instintivo, mas não só, descobre também, a partir de uma religiosidade inconsciente, um Tu transcendente por detrás de um Eu imanente (Frankl, 1997, p. 48). Sempre houve no ser humano uma tendência inconsciente rumo a Deus, uma ligação intencional com o inconsciente a qual Frankl denominou como Deus inconsciente.

Isto não implica, porém, que haja a compreensão, no pensamento frankliano, de que Deus esteja no inconsciente, mas se refere à relação oculta que Ele tem com o ser humano, podendo, por vezes, ser reprimida e assim também, oculta para nós. Sobre isto Frankl defende:

Já nos salmos fala-se de um ‘Deus oculto’; na antiguidade helênica havia um altar dedicado ao ‘Deus desconhecido’. A nossa formulação e um ‘Deus inconsciente’ significaria então a relação oculta do homem com Deus igualmente oculto (Frankl, 1997, p. 48).

A análise existencial torna atual essa realidade que sempre esteve presente, embora inconsciente, pois ou a religiosidade é existencial ou não é nada (Frankl, 1997). A religiosidade, mesmo sendo um fenômeno humano, proporciona uma sensação de proteção, que só se pode encontrar na transcendência. Não

podendo chegar a essa dimensão extra-humana pelo conhecimento metodológico, científico, mas pela fé ligada a uma consciência pessoal espiritual, inserida nas vivências de seu mundo. Querendo ou não, o ser humano, admitindo ou não, sempre acredita em um sentido quando respira. Sendo inata ao ser humano, a religiosidade é, para Frankl, a mola propulsora à aquele ao qual acredita, podendo perceber um sentido, mesmo na dor e no sofrimento.

O ser humano está constantemente confrontado com situações que clamam existencialmente por sentido. São dádivas de realização que implicam incumbência, pois cada situação é um chamado que se deve ouvir e realizar, mas isto é questão de escolha. Para Frankl, a pessoa pode encontrar sentido ao criar alguma coisa, experimentando algo; vivenciando o amor e encontrando sentido até no sofrimento. Neste último, aquele que crê e compreende poder se realizar ao projetar-se à transcendência, rumo àquele a quem acredita e sente, encarando seu sofrimento como oportunidade de aprendizagem para a sua existência autêntica e para um viver mais saudável.

Cada situação tem um sentido determinado. O ser religioso percebe e busca por isto, até mesmo na dor. Desta forma, ele exprime total relação com a dimensão existencial, pois a autotranscendência da existência é característica ontológica fundamental, não podendo ser compreendida fora da dimensão existencial-espiritual. Ser o humano significa dirigir-se para além de si mesmo, para algo ou alguém diferente de si.

A necessidade de sentido é caracterizada como a mais humana de todas as necessidades. Busca essa que não é abstrata, mas absolutamente concreta, em uma situação concreta, de uma pessoa existente no mundo. As situações desafiam e exigem respostas como superação dos limites da pessoa, os quais podem oportunizar descoberta de sentido de vida.

O sentido último ao qual o ser religioso se dirige escapa totalmente da compreensão, pois quanto maior o sentido, mais incompreensível. O símbolo é uma solução para aproximar o simbolizado do simbolizante. O ser religioso para aproximar-se do Divino constrói, pelos símbolos, uma correlação entre a sua pessoa espiritual e a sua pessoa profunda espiritual. Assim, a religião é vista por Frankl com este caráter religante e simbólico, sendo existencial para a vivência humana.

Quando o ser humano está em um diálogo profundo, com seu próprio ser, em uma solidão e honestidade de diálogo, é legítimo denominar, segundo Frankl, que o parceiro deste solilóquio é o próprio Deus. Logo, esse é o fenômeno do *religere* existencial. A religação do ser humano na articulação de sua consciência (soma-psique) com sua inconsciência (o espiritual) desperta nele o diálogo existencial de profundidade espiritual para a descoberta de sentido para o seu viver. O diálogo com Deus do ser religioso é um diálogo profundo e honesto, que lhe permite encarar a vida após experimentá-lo.

Para Frankl, a mais humana de todas as vontades é a vontade de sentido. A religiosidade pode ser compreendida como a realização de um

sentido último. Assim, ela se torna essencial para despertar na humanidade esses sentidos velados a partir da experiência que o ser humano faz de si mesmo. Nesta emerge o ser religioso como ser-no-mundo capaz de encarar a vida com liberdade e responsabilidade, e acima de tudo, transcender sua condição psicofísica (facticidade) rumo à existencialidade com sentido profundo de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que o ser religioso só pode ser compreendido com a consideração da dimensão existencial-espiritual; Não podendo ser este, pertinente à esfera da facticidade, pois se fosse, seria guiado e não teria os atributos da existencialidade: a responsabilidade e a liberdade de escolha.

O homo religiosus reconhece haver além de si uma dimensão supra-humana, a qual não pode ser compreendida, somente ser experimentada. Este aspecto transcendente lhe possibilita, diante das penas mais duras que a vida oferece, sair delas de cabeça erguida, dizendo sim à vida, com sentido, apesar de tudo.

A consciência como órgão de sentido é a voz dessa transcendência, Deus, que se manifesta no espiritual e dá apontamentos para a felicidade e a realização do ser humano como pessoa espiritual que busca sentido para o seu viver. O ser religioso entende ter um sentido último, ao qual abarca todas as coisas e todos os sentidos. Seu solilóquio é a plena e autêntica conversa com Deus, que se manifesta inconscientemente em sua vida. O religar (exercer a religiosidade) permite uma

experiência existencial de profundidade espiritual. A qual segue o exemplo dos santos, profetas, místicos e mártires, tendo como via os ritos para que tal profundidade seja alcançada.

A dimensão existencial-espiritual está em todos os seres humanos. Depende do ser humano perceber, aceitar e viver essa dimensão, como uma manifestação de Deus espontânea, que faz na criatividade, no amor ou na dor, a consciência encontrar novas formas de ser, fazer e conviver livre e respeitosamente. Com efeito, o fato de ignorar a religiosidade, que é um fenômeno humano, pode trazer uma inquietude de coração, o que santo Agostinho exprime

dizendo: “inquieto está meu coração enquanto não encontrar repouso em ti” (Confissões 1,1). Essas palavras reforçam a visão de Frankl, no sentido de que o ser humano religioso é aquele que encontra desde a sua profundidade espiritual o centro de sua força divina e criativa. Assim, a relação entre o ser religioso e a dimensão espiritual é uma relação inata, constitutiva e vivencial, como força espiritual que o leva a enfrentar os problemas da existência, descobrindo um por que viver enquanto a vida pulsa e clama por explicações.

REFERÊNCIAS

- Agostinho. Confissões. 25. ed. Petrópolis/RJ: Vozes; Bragança Paulista/SP: Editora Universitária São Francisco.
- Aquino, T. A. A. (2014) A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl: Articulações entre logoterapia e religião. São Paulo: Paulus.
- Dittrich, M. G. (2010) Arte e criatividade, espiritualidade e cura. A teoria do corpo-criante. Blumenau/SC: Nova Letra.
- Fabry, J. B. (1984) A busca do significado: Viktor Frankl, Logoterapia e vida. 4.ed. São Paulo: ECE.
- Frankl, V. E. (1997) A presença ignorada de Deus. 4. ed. São Leopoldo/RS: Sinodal; Petrópolis/RJ: Vozes.
- Frankl, V. E.. (1986) Psicoterapia e sentido da vida: Fundamentos da logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. E.. (1991) Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva. 2. ed. São Leopoldo/RS: Sinodal; Petrópolis/RJ: Vozes.
- Meireles, M. V. C. (2015) O homo religiosus: A antropologia filosófica de Viktor Frankl. Dissertação de Mestrado, Departamento de Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.
- Peter, R. (2005) Viktor Frankl: a antropologia como terapia. 2. ed. São Paulo: Paulus.
- Lima Vaz, H. (1991) Antropologia filosófica. São Paulo: Loyola. v.1.

Enviado em: 20/05/2015

Aceito em: 2/12/2015

SOBRE OS AUTORES

Maria Glória Dittrich. Possui graduação em Filosofia pela Fundação Educacional de Brusque (1993), mestrado em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (2000) e doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2008). É professora titular e pesquisadora da Universidade do Vale do Itajaí, Programa de Mestrado Profissional em Gestão de Ciências Políticas e no Curso de Graduação em Enfermagem. Atua no grupo de Pesquisa Dinâmicas Institucionais das Políticas Públicas e no Grupo Saúde da Família na Perspectiva Interdisciplinar.

Marcos Vinicius da Costa Meireles. Possui graduação em Filosofia pela Faculdade São Luiz (2011); especialista em Educação Empreendedora pela Universidade Federal de São João del Rei (2014); mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2015); doutorando em Ciência da Religião, área de filosofia da religião, pela Universidade Federal de Juiz de Fora.